



TREINAMENTO PARA A 1ª FASE DA OBMEP 2014: 8º E 9º ANOS: UM RELATO DE CASO

Aleff Russi¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

aleffrussi@outlook.com

Cassandra Posseltt de Souza¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

cassandraposseltt@gmail.com

Cristiane Machado Pereira Felicio¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

cristianemachadop@hotmail.com

Gislaine Correa da Silva¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

gieju_17@hotmail.com

Oscar Caribe da Rocha Neto¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

caribeoscar@gmail.com

Suely de Alencar Lopes¹

Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú

suely_alencar@live.com

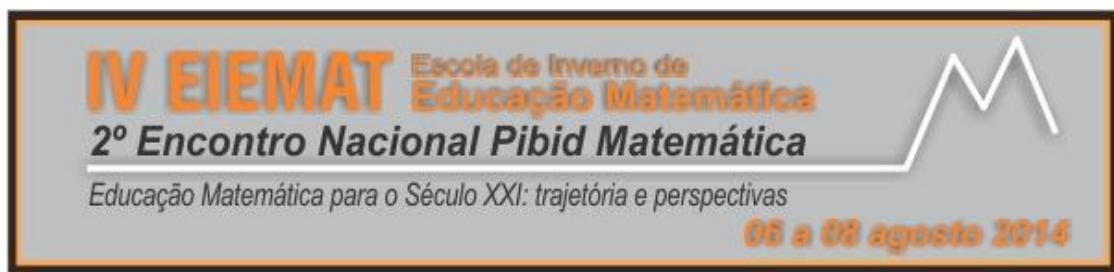
Resumo

O presente trabalho consiste em relatar a experiência como ministrantes de treinamento para a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) de 2014, por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizado em parceria com a escola contemplada pelo programa para alunos dos anos finais do ensino fundamental. O treinamento foi dividido por anos e turmas, o aqui relatado atendeu alunos do período matutino no contra turno do 8º e 9º anos. Para o treinamento, foram utilizadas questões de provas anteriores e do banco de questões da OBMEP. Infelizmente, nenhum aluno atendido no treinamento obteve classificação para a segunda etapa da olimpíada.

Palavras-chave: OBMEP; PIBID; Matemática; Ensino de Matemática.

1. Introdução

¹Acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática, bolsistas do subprojeto PIBID-MATEMÁTICA.



O PIBID, iniciou as atividades em março de 2014, em uma Escola Básica Municipal, na cidade de Camboriú-SC. Inicialmente os acadêmicos envolvidos foram conhecendo o ambiente escolar, os professores, alunos, normas de funcionamento, entre outros. Após observar algumas aulas de matemática, tomamos conhecimento do calendário da OBMEP, e decidimos por ofertar um treinamento para a prova da 1ª fase da olimpíada, com o objetivo de treinar alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental.

O treinamento ocorreu em maio de 2014, com dois encontros semanais. Todos os alunos tiveram a oportunidade de participar, no entanto, apenas uma pequena parte manifestou o interesse. O grupo que atendemos foi formado por cinco alunos do 8º e 9º ano do período matutino.

Em um primeiro momento, a ausência da maior parte dos inscritos para o treinamento da OBMEP implicou no desânimo dos bolsistas , mas com o passar do tempo, percebemos que isso seria um motivo para intensificar o treinamento com os alunos que persistiram em comparecer, até o dia da prova.

2. Nossa experiência

Ao planejarmos nossos treinamentos esperávamos receber alunos que gostassem de matemática, mas a maioria dos alunos que compareceram, confundiram com reforço de matemática, e ao invés de atender os alunos que gostavam de matemática, atendemos alunos que tinham bastante dificuldade. Mas como afirma Polya "Os estudantes mesmo se forem muito vagarosos e indiferentes, e houverem sido incapazes de até aí fazer qualquer suposição, serão forçados a contribuir com pelo menos uma minúscula parte da ideia" (1995, p.13).

O treinamento funcionou da seguinte maneira:

- Foram realizadas pesquisas prévias de exercícios no banco de questões da OBMEP e foram selecionadas as que estavam de acordo com o assunto abordado em cada encontro.
- Foram entregues aos alunos as questões e foi deixado algum tempo para que resolvessem sozinhos.
- Os acadêmicos deram dicas de como resolver as questões.



- Depois do tempo estipulado, as questões foram resolvidas no quadro passo a passo com os alunos, mostrando, quando possível mais de uma forma de resolução.

A maior dificuldade enfrentada foi deixar que os alunos resolvessem sozinhos, pois aparentemente eles vêm de um ensino defasado e que não são acostumados a resolver exercícios sozinhos, estão acostumados a “copiar do quadro”, mas acreditamos assim como Ribas (2013) que “As atividades didáticas devem ser desenvolvidas com foco na construção de ideias matemáticas, e não com a mera reprodução de conhecimento”.

Tentamos cativar, motivar e fazer com que o aluno construísse seu próprio conhecimento. Ao longo do treinamento podemos notar uma evolução significativa nos alunos, nos últimos treinamentos já tentavam resolver sozinhos antes de acompanhar no quadro, mas isto é só o início de um trabalho que deveria ser feito sempre, nos fundamentamos também no que afirma Polya (1995 p.1)

O estudante deve adquirir tanta experiência pelo trabalho independente quanto lhe for possível. Mas se ele for deixado sozinho, sem ajuda ou auxílio insuficiente, é possível que não experimente qualquer progresso. Se o professor ajudar demais, nada restará para o aluno fazer. O professor deve auxiliar, nem demais nem de menos, mas de tal modo que ao estudante caiba uma parcela razoável do trabalho.

Optamos por trabalhar como Polya sugere, sem ajudar demais e sem deixá-los sem nenhuma ajuda.

3. Os resultados

No início, nosso objetivo foi ensinar a resolução de exercícios, mas havia dois fatores que contavam, o primeiro, o pouco tempo disponível para os treinamentos, e o outro a dificuldade em matemática apresentada pelos alunos. Percebemos ainda que durante o treinamento um terceiro fator se fez presente, os alunos não compareciam em todos os encontros e quando voltavam ficavam atrasados em relação aos colegas.

Após realizada a olimpíada e a correção da prova, nossos resultados não foram dos melhores, dos alunos que atendemos nenhum foi classificado para a segunda fase,

mas também nenhum deles compareceu em todos os treinamentos. Nos últimos dois dias apenas dois alunos compareceram, sendo esses com extrema dificuldade em matemática.

Embora não tenhamos alunos classificados para a segunda fase, ficamos satisfeitos em ter abordado várias situações problemas de boa parte dos conteúdos do ensino fundamental, que sem dúvida contribuiu para a aprendizagem daqueles alunos.

4. Considerações Finais e Recomendações

Depositamos toda a nossa esperança nesses alunos, mas sabíamos o quanto poderia ter sido melhor e mais eficaz o período de treinamento, se tivéssemos os alunos a nossa disposição por mais tempo, até mesmo algumas horas a mais, aplicando exercícios práticos para todos, usando material concreto ou lúdico para a compreensão das situações.

Contudo, com a correção das provas percebemos alguns erros. Provavelmente por não conseguirem aplicar tudo o que estudam, ou por a prova trazer grande parte das questões com situações problemas do cotidiano, tendo que ler e interpretar os enunciados de problemas matemáticos. Já que trata-se de um “gênero discursivo a ser dominado pelos alunos”, pois sua interpretação vai além da leitura em língua portuguesa, onde há também a língua matemática, permeada de símbolos e significados, próprios da matemática, e diferentes daqueles usados no cotidiano (PAVANELLO, LOPES e ARAÚJO, 2011).

Os alunos que participaram do treinamento são julgados por alguns deles próprios como “esforçados” ou “medianos” em relação ao entendimento da matemática, mas estavam ali para tentar a aprovação na primeira fase da prova, porque sabiam das oportunidades com a OBMEP, até porque o vídeo exibido no dia do comunicado dos treinos relatava a vida de outros estudantes com realidade semelhante à deles. Isto acabou impulsionando-os a tentarem se superar, não só em matemática, mas em outras disciplinas também.

Os alunos do 8º ano sentiam ainda mais dificuldade pelo fato de não terem estudado os conteúdos do ano seguinte (9º ano) e pela prova da OBMEP aplicar um modelo de níveis, onde 8º e 9º anos estão no nível dois e 6º e 7º anos no nível um.

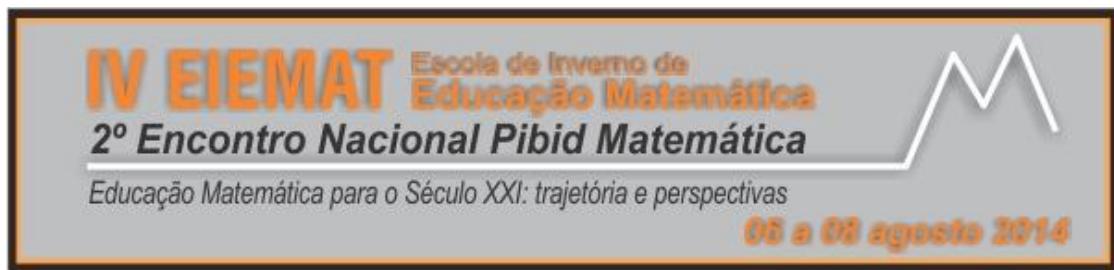
Após o término do treinamento e com base nos resultados obtidos, elencamos algumas considerações/sugestões que passamos a relatar:

- **O tempo:** Este foi um fator decisivo, alguns ajustes poderiam ser feitos, os alunos do 8º e 9º ano foram atendidos em dois dias da semana. Tivemos apenas três semanas para realizar o treinamento, observamos também que dois dias na semana deixavam os alunos cansados e desmotivados, uma sugestão para os próximos anos seria de deixar apenas um dia, estender o horário desse dia, e por mais semanas.

- **Os conteúdos:** Os alunos sempre diziam não ter visto o conteúdo ou de não lembrar como resolver, uma sugestão seria de oferecer oficinas de aprendizagem, trabalhar os conteúdos primeiramente, explicar, fazer exemplos, trabalhar com material concreto se possível, para depois trabalhar os exercícios do banco de dados da OBMEP, assim os alunos teriam a base que na maioria das vezes faltava.

- **A estrutura:** O treinamento acontecia no auditório da escola, pois não havia outro espaço disponível. O local inapropriado para usar como sala de aula, não tínhamos mesas e cadeiras adequadas, possuindo apenas um quadro de giz que não estava em bom estado, e era muito pequeno, mas mesmo com falta de estrutura desenvolvemos minimamente o treinamento.

- **O banco de questões da OBMEP:** Este banco é uma ferramenta de fácil acesso, que poderia ser usada por professores o ano inteiro, a maioria das questões envolvem situações e problemas do cotidiano, que podem ser trabalhados em sala de aula, o que poderia oportunizar uma "saída do trabalho mecânico. Porém, percebemos que alguns professores não se envolvem e não buscam conhecer o material disponível na escola e na internet.



Referências Bibliográficas

OBMEP. Documentário OBMEP versão reduzida Marta & Erick. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=XrABcKOFp2Q&list=PLzU1Hrts6y-GspbhsmbAhlDy8ZY7yadHq>> Acesso em: 05 maio 2014.

PAVANELLO, Regina Maria; LOPES, Silvia Ednaira; ARAUJO, Nelma Sgarbosa Roman de. Leitura e interpretação de enunciados de problemas escolares de matemática por alunos do ensino fundamental regular e educação de jovens e adultos (EJA). **Educ. rev.**, Curitiba , n. se1, 2011 . Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2014.

POLYA, G. **A Arte de Resolver Problemas**: Um novo aspecto do método matemático. Tradução e adaptação Heitor Lisboa de Araujo. 2 reimpr. Rio de Janeiro: Interciência, 1995.

RIBAS, Patrícia. **Revista educação**. Disponível em:
<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/194/artigo290491-1.asp>> Acesso em: 18 jun. 2014